

ALICE DOS REIS
16.11.2024 | 11.01.2025

HAGIOGRAFIA

Texto por Alice dos Reis

Bastante tempo depois da sua famosa ruptura com Freud, o psicoterapeuta Carl Jung interessou-se pelos crescentes relatos de avistamentos de objetos voadores não identificados que passaram a fazer parte do imaginário coletivo no pós-Guerra. Tendo dedicado a maior parte da sua vida ao estudo de símbolos e da sua manifestação, tanto na consciência individual quanto na coletiva, Jung viu no disco voador uma espécie de mito para a era moderna. Escrevendo sobre o fenómeno em 1959, no auge da Guerra Fria, absteve-se de fazer qualquer julgamento sobre se estas "visitações" eram reais ou imaginadas; em vez disso, abordou-as psicologicamente. Usando tanto relatos de avistamentos quanto sonhos dos seus pacientes, viu na perfeição metálica e na forma arredondada do disco voador um símbolo de unidade e completude. Esta imagem contrastava com a psicologia prevalente de "separação" na sociedade do pós-guerra. Tendo em conta o surgimento das novas tecnologias de destruição em massa, como a bomba atômica, Jung considerou o disco voador como uma projeção coletiva — uma visão de um "Outro" incompreensível, unificado e maquínico, pronto para nos salvar de nós mesmos.

Apesar do meu fascínio pela ficção científica, nunca tive grande interesse em ufologia. Na verdade, os OVNI's só entraram realmente no meu radar quando revisitei, durante a pandemia, a casa da minha família na Serra da Gardunha, um local conhecido por ser um *hub* do paranormal. Onde antes os moradores afirmavam ver Santas Virgens radiantes que salvavam jovens perdidas na montanha, agora os B&B locais publicitam-se como sítios privilegiados para avistamentos de OVNI's. Esta transferência interessou-me: como a Nossa Senhora se tornou Máquina Alienígena. Esta história geracional de símbolos, crenças e tecnologias em mudança é o foco do meu filme "Nossa Senhora que Queima" e, mais tarde, evoluiu para uma série de tapeçarias figurativas em *needlepoint*. Pensei que o meu interesse pela forma icónica do OVNI — um pequeno oval sobre um oval maior — ficaria por aí, mas ainda não se tinha esgotado. Continuei a experimentar versões abstratas do seu contorno. A minha primeira tentativa resultou numa peça também em *needlepoint*, "Eventos", que captura uma dinâmica vertical de subidas e descidas, aparições e camuflagens. Contornos de OVNI descolam e descendem

ALICE DOS REIS
16.11.2024 | 11.01.2025

sobre uma paisagem noturna – uma cidade ou uma estrada – salpicada de luzes distantes. Tal como os ícones de santos ortodoxos, cada pequeno elemento, quase portátil, é ao mesmo tempo distinto e parte de um todo unificado.

"Cards 1-10", uma série de dez bordados inspirada nos primeiros designs de cartas de baralho, da Europa do Sul, e no meu estudo pessoal do Tarot, é uma espécie de proposta para um novo baralho de cartas. A mesma forma do OVNI transforma-se, funde-se e colide em cada peça numerada. Há aqui uma sensação de pareidólia: por vezes óbvia, outras vezes oculta, a série impele o espectador a procurar e a tropeçar na mesma forma, repetidamente, contando cada ocorrência. Esta repetição insinua uma busca obsessiva por padrões e significados no caos – uma alusão, e talvez uma sátira, ao conceito de sincronicidade de Jung. Tal como numa contagem regressiva para o lançamento de uma nave espacial, estamos preparados para esperar uma descolagem, mas, no caso do disco voador, acontece o oposto: está a descer na nossa direção.

"Monastery on the Moon" é uma série de três peças em tapeçaria, cada uma representando a mesma cena em diferentes perspectivas, quase como fotogramas de um filme. Duas das três peças são em formato 16:9 – o *widescreen* dos ecrãs contemporâneos – enquanto a terceira é em 4:3, um formato de ecrã comum até ao início dos anos 2000. Fundindo passado e futuro, nelas vemos um mosteiro, remanescente da arquitetura medieval europeia tardia, solitário na lua, observando a Terra azul ao longe. Apresentadas em caixas de acrílico, as tapeçarias poderiam parecer relíquias preservadas, no entanto, os fios que caem desordenadamente no verso lembram cabos emaranhados por trás de um ecrã LED.

Tradicionalmente, "Hagiografia" refere-se à biografia de um santo ou figura venerada – uma representação idealizada que destaca as suas virtudes, milagres ou a sua importância espiritual. Com o tempo, o termo expandiu-se para descrever qualquer narrativa que idealize o seu sujeito, muitas vezes ignorando falhas ou complexidades. Mas, se a Santa agora surge enquanto Máquina – e, além disso, uma Máquina Alienígena – que nome deveremos dar às narrativas que projetamos sobre ela?